

Um crescimento frágil

Economia Brasileira

Se as estatísticas a seguir mencionadas não procedessem da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), seriam certamente contestadas: em julho, a produção industrial teve um desempenho muito superior ao de junho e, nos últimos 12 meses, acusou, em comparação com igual período do ano anterior, um crescimento de 4,1%. Poucos industriais, porém, poderão confirmar tais performances enquanto persistirem os efeitos da recessão e, paralelamente, uma contínua diminuição do emprego. Impõe-se esclarecer que nem todos os setores apresentaram o mesmo resultado e impõe-se, ainda, explicar e avaliar essa reação positiva da produção industrial no Estado de São Paulo.

O índice da Fiesp, ao contrário do elaborado pelo IBGE, não reflete a evolução da produção física, mas um conjunto de fatores: horas trabalhadas na produção, consumo de energia elétrica, vendas reais. Em abril, relativamente ao mês anterior, o Índice de Atividade (INA) havia acusado forte queda (4,9%), mas cresceu 1% em junho e agora 3,8%. O fato é que estamos longe de um boom, mas experimentando flutuações limitadas, muito aquém de comprovar uma recuperação da produção do passado. Tudo indica que a produção industrial, neste exercício, será superior à de 1991. Na realidade, três fatores podem explicar tal evolução, sabendo-se que o que é verdade no conjunto da produção industrial não o é em cada setor.

A recessão, neste ano, é certamente mais profunda do que no anterior, mas isso levou as empresas aptas a enfrentar a concorrência internacional a ampliar suas exportações. Assim, estabelece-se uma diferença entre empresas que conquistaram mercados no Exterior e as outras. Um fator suplementar surgiu neste exercício: a amplitude

do mercado argentino em função da taxa cambial. Cumpre considerar que se trata de um fator que pode ter duração efêmera em consequência da pressão dos industriais platinos diante do que chamam de dumping brasileiro.

Outro fator que deve ser levado em conta é o crescimento da renda dos agricultores, que alguns especialistas calculam para este ano em 6,4%. Sem dúvida, muitos, com maiores facilidades de crédito e especialmente mais bem capitalizados, ampliaram suas compras de insumos e de bens e serviços. Convém notar porém que nem todos tiveram melhoria de renda, o que explica variações de demanda em termos regionais e setoriais.

Finalmente, estamos assistindo, apesar de uma redução do nível de emprego, que continua se verificando, a uma melhoria do total dos salários reais (3,1% nos últimos 12 meses segundo a Fiesp) e do salário médio real (9,3%). Ao que parece, a faixa salarial mais afetada foi a baixa, mas cresceram os salários médios e altos. Isso vulnera a demanda: o consumo de massa está severamente afetado, enquanto o de poder aquisitivo maior se apresenta em melhor condição. As vendas de produtos alimentícios decresceram, mas as de carros de passeio aumentaram. Como se vê, são todos fatores muito frágeis...